

BENGUELA

Criança abandonada na ordem do dia

A criança abandonada continua a ser tema obrigatório na ordem do dia. Agora que foi possível levantar o véu que cobria a cidade do Kuito, na

Província do Bié, a multidão de crianças que ficaram sem família, por causa da guerra, veio agravar ainda mais a dramática situação já existente. Fala-se em dezenas de milhares de mortos. Uma grande percentagem era de pais destas crianças. Algumas delas ficaram ao

cuidado de avós sobreviventes, sem condições mínimas para as educarem.

Nestas circunstâncias, há que ter muito cuidado na busca de remédio para tão grande mal. Por um lado, são crianças que tiveram a sua família e receberam os cuidados da primeira

infância e seguinte, num ambiente familiar normal. Por outro lado, ficaram abandonadas e traumatizadas pelos mortifícios que aconteceram. Que vai ser dum filho ou duma filha que assistiu à morte violenta do seu pai e da sua mãe? E de mortes sem conta, à sua vista? São tónicas belas esfarrapadas! Mas que é preciso reconstruir!

Problema vital para o futuro de Angola

O caminho ideal para crianças deste tipo seria a colocação familiar, num lar previamente preparado, onde haja muito amor, capaz de compreender a história concreta de cada um destes filhos. É que eles tiveram família e sabem o que é viver na família. Este seria o primeiro caminho. Daqui resulta que, sendo tão grave o problema das

crianças abandonadas, não chega o interesse das autoridades públicas, nem as suas iniciativas, se não houver uma mobilização civil, a nível de famílias. As situações das crianças são tão diversas que há lugar para uma cooperação também diversificada. Há lugar para as instituições oficiais. Há lugar para as instituições particulares. Há lugar para todos os que sentem o problema das crianças como um problema vital para o futuro da nação.

Nem todos podem ajudar da mesma maneira e no mesmo lugar. Uns colocam-se na linha da frente. Os que são chamados e podem. Outros, na retaguarda, de igual modo interessados. São os que têm meios e dão.

Um contraste

Um contraste: Há dias, em conversa com gente de responsabilidade social

qualificada, foi-me dito da proposta de formação de um clube de financiamento, formado por pessoas e empresas com dinheiro, para se criar alguma coisa a favor das crianças da rua. Percebi que se tratava de mais uma iniciativa, igual a muitas outras, a navegar ao sabor da onda de publicidade, de promoção pessoal e ideológica, sem um objectivo definido que tenha em conta, tanto quanto possível, o tipo de crianças a atender. Dei a minha opinião e disse da aflicção que me consome por não ter meios materiais para acabar o edifício escolar onde duzentas crianças mais, em dois turnos, poderiam receber o que ninguém lhes dá: educação e alimentação. Isto seria possível se não houvesse quaisquer reservas de natureza ideológica e se se procurasse, a todos os níveis, exclusivamente o

Continua na página 4

Padre Abel Varzim

JÚLIO é o nosso jornalista nato, o que tem o sentido mais apurado dos acontecimentos e do seu interesse, e me alerta para a pertinência de alguns como assunto para o nosso jornal. Porque a sua saúde (graças a Deus em recuperação) decerto também o distraiu deste, a sugestão não veio; e só agora eu atentei no dever de evocarmos este grande Companheiro de Pai Américo no ideal, na acção e também nos dons de Deus — a quem, nestes dias, tem sido prestada justa homenagem.

No Doutor Abel Varzim visto agora, serenamente, trinta anos passados sobre a sua morte e num contexto socio-político diferente do de então, admiramos, sim, a sua coerência e a sua coragem de lutador pela Verdade e pela Justiça e veneramos o Padre fiel ao seu sacerdócio, de que nunca se despiu nem achou que fosse pedra de tropeço para a vivência do seu carisma. E tais tentações talvez lhe não tenham faltado...

Nele brilhou a luz de um verdadeiro Profeta, de dentro deste Povo de Deus em que todos o devemos ser, mais pela vida do que pela palavra. Por meio desta anúncio o Reino de Deus e a Sua Justiça.

Um Profeta é antes e acima de tudo um anunciador. A denúncia surge pelo contraste, tal como as trevas se adensam em volta do feixe luminoso. Os critérios do mundo — os dos revolucionários pela revolução, os dos políticos pelas conveniências do seu grupo e da sua soberba — põem o acento na denúncia. Os Profetas não.

Têm em vista a conveniência universal. Sofrem a revolução só pelo amor da paz a que esta possa conduzir. Mesmo quando proferem oráculos de cominação, anunciam que a desgraça pode ainda ser suspensa se os homens se arrependem e pararem os seus desvarios. Os Profetas são sempre Homens da Esperança e Educadores na Esperança da Salvação. O seu horizonte é a Eternidade. Mas falam no Tempo e para os homens do seu tempo. Se a sua palavra se projecta para além do Tempo, nem por isso deixa de ser válida e urgente aqui e agora — que hoje é sempre o alicerce que firma o amanhã.

A palavra, porém, tem de ser autenticada por uma chancela: a vida. Pela palavra os Profetas anunciam e consequentemente denunciam. Mas o alcance dela excede os limites do homem comum e fere interesses imediatos de muitos que se julgavam em transe de consumá-los. Por isso, o Profeta é geralmente um incompreendido e dificilmente se livra de perseguições. É o preço do seu dom. É o sal da sua vida.

Que admira, pois, que encontremos na vida do Padre Abel Varzim estas realidades, afinal tão naturais num mundo tão pouco aberto ao sobrenatural?! Ele, certamente, não se admirou!... Sofreu, com a simplicidade e galhardia de um Homem de Deus que crê, espera e ama.

E, pelo muito bem que disse e muitos bens que fez, o melhor da sua herança é a Cruz que levou até ao fim.

Padre Carlos



Conferência de Paço de Sousa

SIDA — O mal repercute-se em todo o mundo: quarenta milhões de pessoas infectadas! A reunião que juntou cientistas, em Yokoama, Japão, «trouxe poucas esperanças»...

Na região do Vale de Sousa há alguns casos. Para um, já irrecuperável, fomos chamados a colaborar moral e materialmente. Está na mão do jovem mais responsável pela nossa Conferência. Quis ser ele — e muito bem — o samaritano, apesar de o doente não ser um abandonado, pois um casal vizinho ampara-o como pode e sabe. Testemunhos de fraternidade muito assíduos por estas bandas, mau grado o que a gente vê, hoje, por aí fora...!

Gostamos de passar revista à Imprensa Não-Diária. Com uma riqueza incomensurável. Está mais ao rés-do-chão — no País real. Não há muito tempo que em um desses jornais, o articulista, na sua crónica semanal, referia que «em pleno coração do nordeste transmontano cruzou com uma pessoa conhecida que tangia um carro de bois». Fez perguntas: «Que tem o seu filho? Ela olha em volta, cautelosa, como a certificar-se de que ninguém ouvia, baixou a voz e pronunciou: — Tem a sida. Ficámos estarelecidos. A sida abre caminho nas zonas rurais de Portugal, acaso as últimas em que se esperaria que atacasse».

Reservámos para aqui este naco de prosa, de ontem, para melhor se avaliar, neste capítulo, o estado da Nação.

PARTILHA — Dez mil, da assinante 35016, «em acção de graças ao Senhor» por ter comemorado «35 anos de casada».

O assinante 10610, de Lisboa, destina o remanescente de contas com O GAIATO «para a Conferência de Paço de Sousa».

Assinante 57002, de Matosinhos:

«Envio um pequeno donativo para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Embora pouco, apenas uma migalha para tanta necessidade, é dado com muito carinho por todos os que sofrem.»

Cheque de cinco mil, do assinante 5241, de Peniche.

Pelas CASAS DO GAIATO

Mais cinco, da assinante 14493, do Porto «cumprindo o dever de ajudar», agora «com a alma amargurada por doença grave que atormenta» o seu marido. Peçamos alívio ao nosso Deus — a quem nada é impossível.

Presença da assinante 7769 — com a amizade de sempre. Dois mil, duma visitante assídua. Cinco mil, de «uma portuense qualquer», sendo a «migalhinha referente ao mês de Setembro».

Três mil, divididos como indica a assinante 28053. «É tudo muito pouco, que a minha situação material não permite mais. Faço 86 anos», acrescenta. Seja por mais alguns anos! — com a graça de Deus.

Assinante 5471, do Porto: «Aqui vai esta gotinha a juntar ao vosso oceano. Não menciono para quê. Sabem onde estão as necessidades.»

Por fim, uma remessa de Maria Amélia, tripeira: «É roupa limpa. Era minha. Dou-a, pelo facto, apenas, de ter sido substituída». A nossa gratidão por tudo o mais.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CONTENTORES — Foram mais dois contentores de necessidades para a nossa Casa do Gaiato de Moçambique. Juntamente vai a esperança de que um dia a Casa do Gaiato consiga ultrapassar os vários problemas, pelos seus próprios meios.

VISITAS — Todos os fins-de-semana recebemos boa gente que quer ver a nossa Aldeia e falar com a malta.

Agora, uma excursão de Campanhã que passou o domingo cá em Casa. Na parte da manhã jogaram futebol entre eles e da parte da tarde visitaram algumas instalações; depois convidaram-nos a disputar um desafio de futebol. A nossa formação, muito desfalcada porque o técnico não soube da existência deste jogo, impossibilitando-o de fazer a equipa. Mas mesmo assim não houve problemas. Ganhámos o jogo.

Seguiu-se uma sardinhada, que teve uma grande maioria dos nossos miúdos. Agradecemos tudo o que nos deram e também pedimos desculpa pelo mal entendido do empréstimo das instalações desportivas.

VINDIMAS — Como já referimos na edição passada, as vindimas seguem em bom ritmo.

Primeiro um grupo de rapazes ajudava os trabalhadores do campo, mas com o início das aulas o grupo ficou reduzido. O nosso Padre Carlos tem puxado pelos vindimadores porque, de momento, o tempo poderá mudar e prejudicar o trabalho.

E, já agora, pedimos garrafas vazias de «champanhe», porque mais resistentes, para mandarmos uma pinguita para as nossas Casas de África quando houver contentores.

MAIS CARAS NOVAS — O José Alberto, Vando, o Roberto e o Vasco. Com a chegada deles, houve muitas alterações nas casas.

Todos quando chegam ficam envergonhados e até choram com as saudades deixadas; mas depois, da maneira como são acolhidos, habitam-se facilmente ao ambiente.

OUTONO — Uma estação escura e de muito trabalho!

Quando se fala no Outono, lembramos as aulas, colheitas, frio, céu cinzento, etc. Cá em Casa também não esquecemos o trabalho que faz ter, principalmente aos mais pequenos do grupo da «lenha», pois há muito que varrer: as folhas que as nossas árvores deixam cair. Com o início das aulas e da catequese, os miúdos que mais aproveitarem e entenderem o significado da vida espiritual têm uma recompensa: a Primeira Comunhão e a Profissão de Fé. Como todas as estações do ano, bonitas de viver.

ESTUDO — Para os estudantes da Casa, o estudo só começou duas semanas depois do início das aulas. Os rapazes que têm aulas de manhã, estudam à tarde, cada um nas suas casas. Isto para os da Escola Primária. Os que andam na escola à tarde, estudam de noite; estes são os da Telescola. O mesmo esquema dos últimos anos.

«Vitinho»

TRABALHO — É uma obrigação do homem!

Sem ele não haveria sustento para uma família e também não existia formação profissional! Exige muito sacrifício, dedicação e uma entrega total.

Nas nossas Casas do Gaiato, toda a malta se dedica ao trabalho. Uns mais pesados, outros não!

Alguns dos nossos rapazes andam desempregados. Querem arranjar trabalho. Querem conhecer novos caminhos da vida. Com isso tudo, quem fica prejudicado são as nossas oficinas, que ficam carecas. Mas, mesmo assim, elas têm mantido o ritmo normal.

Esses rapazes, todos os dias, andam pelas cidades, de porta em porta, a pedirem trabalho. Todos nós precisamos uns dos outros!

FUGAS — Agora não têm acontecido.

Os que fugiram ultimamente andam de castigo: cabelo rapado e cumprem faxinas.

Bem, vou-me debruçar num caso que houve e também tem acontecido algumas vezes.

Primeiro que tudo, os pais falam em visitas, depois surgem as saudades. Tudo isso dá origem a fugas. Os familiares levam os miúdos. Mas porquê?!

O Tiago e o Manel, gémeos, mais conhecidos pelos «gremelins», foram exemplo disso. A mãe já andava a rondar estas bandas e acabou por levá-los. Os miúdos sem culpa de nada, agora andam por lá! Por vezes as saudades ditam leis maldosas.

UM LAPSO — O *Continente* que nos fornecia algumas coisas de comer e de beber, já há algum tempo que não nos fornece nada. Pensamos que foi um lapso nosso em não agradecer as coisas oferecidas... Se foi, aqui ficam as nossas desculpas...!

Repórter X

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS —

A pobreza não é toda igual. Esta de que falamos é diferente: a falta de amor dos filhos aos seus progenitores está muito em moda e quase todos nós conhecemos uns ou mais casos. São filhos de uma pobreza de coração que não tem classificação. A tia Minda tem 84 anos, velhinha muito simpática e muito activa, toda a sua vida viveu para a terra e seu filho. Com a morte do marido, apoiava-se nele. A determinada altura ele abalou para a Capital, porque na terra, diz, não tinha futuro. Com desgosto o viu partir, ficou mais só. Ele por lá ficou e criou raízes, montou um café e é o seu ganha-pão. Todos os anos vai à aldeia passar férias, conhece todos menos a mãe. Magoa o comportamento deste filho, na festa da aldeia: convidou uns amigos para celebrar o dia e esqueceu-se da mãe, que foi comer a sopa à Casa do Povo. Esqueceu-se das lágrimas que ela derramou por ele. Esqueceu-se de que a mãe vive da reforma e gasta o mínimo para juntar o pouco que sobra e presentear os seus netinhos. Vive próximo da casa do filho. Recebe mais amor e carinho dos vizinhos «que do meu filhinho» — como diz.

Quero deixar um recado a todos os filhinhos. Não é meu, mas de alguém que o escreveu. Encontrei-o num prato de adorno: «Subi um dia à mais Alta Montanha que a terra tem, nada maior de lá vi que o amor de minha mãe».

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónimo, em vale do correio, 5000\$00. De J. R. D., com todo o carinho, pedindo a Deus por um mundo melhor, 2000\$00. Da Esplanada do Castelo — Porto, «uma pequena ajuda para as maiores necessidades», 10.000\$00. Da nossa amiga da Holanda, apesar de cansada da viagem, 7000\$00 para os meninos da senhora Lurdes. Rua Castelo de Guimarães — Porto: «Vão em vale do correio 20.000\$00 para o leite das crianças, que o Senhor abençoe o vosso apostolado».

Castelo Branco: «Pequeno donativo para os mais necessitados». Do assinante 22628, 5000\$00. Assinante 3359, 1.500\$00. Assinante 9708, mais um cheque.

Com as nossas férias a correspondência ficou atrasada, e à nossa espera uma carta registada, da Torre H. de Nova Oeiras — Oeiras com um cheque para ajuda dos estudos da Suzi. Pedimos desculpa pelo atraso na resposta.

Muito obrigado pela ajuda que dão aos Pobres.

Adelaide e José Alves

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos dos estatutos, convocamos todos os associados para reunirem no dia 30-10-94 pelas 10 horas, na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único — Assuntos de interesse para a Associação

José Lemos

MIRANDA DO CORVO

AULAS — Os nossos rapazes já regressaram às aulas. Esperamos que todos comecem bem este ano escolar. E desejo, pra já, quem teve pouca sorte no ano passado tente fazer melhor no que já decorre.

OBRAS — Temos andado a construir o telhado. Primeiro as vigas, depois as tijoleiras e por fim encher o piso de massa. Deu muito trabalho aos nossos rapazes, mas no telhado já só faltam as telhas.

CARPINTARIA — Os carpinteiros que embora sejam poucos têm andado a fazer os aros, as janelas e as portas para a zona que anda em obras, também têm executado trabalhos para fora.

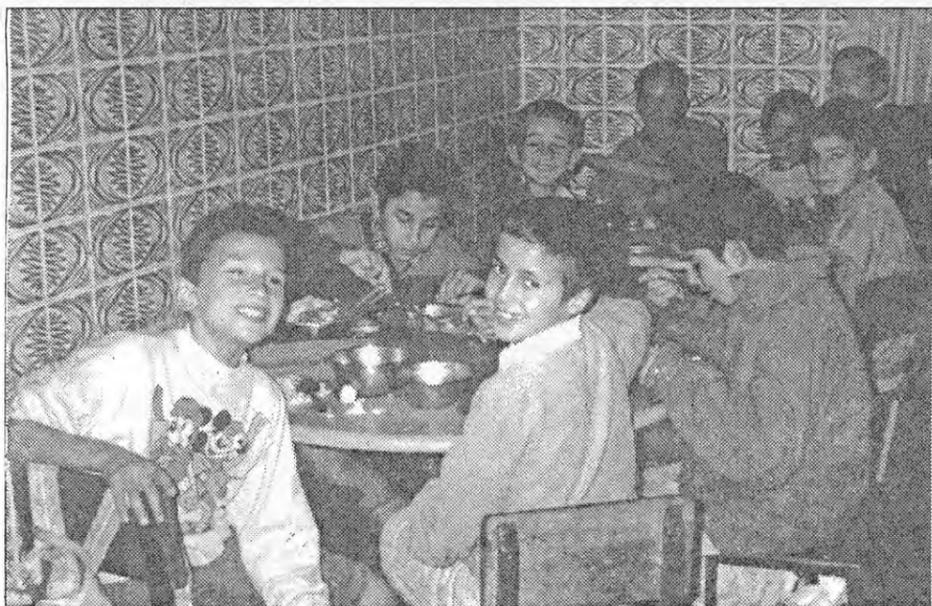
ANIMAIS — Alguns dos nossos rapazes têm apanhado passaros para as gaiolas.

O gado está bem. As vacas continuam a produzir bom leite; e os leitões que se destinam à matança, estão a crescer bem e gordos como é preciso.

Frederico

TOJAL

CARAS NOVAS — Durante este período de férias apareceram muitos cá em Casa. O Hugo Bruno já com o 5.º ano feito, o Carlos ainda na primária, o Paulo com a primária concluída, encaminhando-se para o 1.º ano. O Pedro, o que trouxe mais desgosto pelos pais, pois a sua mãe pô-lo na rua várias noites sem o deixar entrar em casa e depois umas pessoas disseram-lhe que viesse ter cá, à Casa do Gaiato, e aqui seria



Casa do Gaiato de Paço de Sousa: A hora da refeição é sempre uma das mais felizes!

Família

Bom testemunho

NESTA nossa Casa todos gostam de ir fazer a vindima da vinha do Cabral. O Cabral todos os anos nos oferece as uvas da sua vinha.

Mais que o doce das uvas é o doce da merenda que a esposa põe em cima da mesa e que se come e bebe no fim. Sabe sempre tão bem!

Ficou-me bem gravado no coração e na alma o bom testemunho que ela deu à mesa: «Foi na Casa do Gaiato que aprendi a trabalhar. O hábito do trabalho sempre me tem acompanhado. É o trabalho que tem feito crescer a nossa vida».

À nossa volta estavam três carrinhas. Fomos visitar as oficinas-laboratórios. O escritório estava cheio de livros, máquinas e facturas.

tratado como irmão de uma pequena-grande comunidade. Já sabem as regras da Casa e Deus queira que as respeitem e não faltem ao trabalho dado pelos chefes.

FUTEBOL — Jogámos mais do que nunca, pois das 8 às 9 horas da tarde ainda é dia, cá em Casa. Nas férias praticámos muitos desportos que utilizam bola. Jogámos à bola no nosso campo da casa de praia, vôlei na praia, snoker, e ténis.

JARDINS — Cá em Casa continuam na mesma: algumas flores morreram, outras cresceram. Na casa de praia semeou-se relva em grandes extensões de terra. Com a ajuda dos jardineiros lá se conseguiu arrancar toda a erva que crescia juntamente com a relva. Todos os dias regamos os terrenos para que ela cresça e embeleze a nossa Casa.

ESCOLAS — Já começaram para todos os níveis. Alguns com ansiedade; outros por encontrar os seus antigos colegas; e ainda existem aqueles com receio pois o ano passado correram-lhes mal e não vá este ano acontecer o mesmo. Deus queira que não e tenham melhores notas que as anteriores.

VISITAS — Agora no tempo de escola é que vamos ter mais visitas do que nunca, pois será o tempo mais activo cá em Casa e não há férias para as pessoas. Por isso já poderão visitar a Casa do Gaiato, pois somos a *Porta Aberta*.

PISCINA — Já não ouviremos mais falar dela. Só existem boas e más recordações. As boas são os bons mergulhos; e as más, as *afogadelas* de alguns rapazes sobre outros e também aqueles que armados em salva-vidas se alejaram ao mergulharem na piscina.

Joaquim M. F. Pinto

Os armazéns, atacados de material. Tudo um bom testemunho de trabalho.

O trabalho tem sido o grande meio de educação e formação nas Casas do Gaiato. Pai Américo contava que no princípio não foi assim. Os meninos vinham, geralmente raquíticos, e só comiam e iam à escola. O resto do tempo brincavam e estavam sentados nos muros. Eram tristes e a vida triste. Era casa de repouso.

Um dia, nova luz se acendeu no seu coração. Pô-los a fazer as obrigações. Foram-se embora os criados e começou uma vida de alegria em casa. A grande descoberta! Foi naquele tempo e ainda é hoje.

Todos os que nos visitam se admiram e apaixonam com a nossa vida. Não há desempregados. Todos devem estar ocupados. Muitas vezes tem de se inventar serviço para dar aos mais preguiçosos ou mais incapazes. Recordo a estratégia que usava o *Chapelinho* quando chefe dos miúdos. Misturava todos os dias o feijão para eles terem de escolher todo o Inverno.

O GAIATO tem transmitido aos leitores alguns excertos da nossa vida. Estou a recordar a tristeza de Padre Telmo que vê os seus meninos sem fazer nada por estarem fora da nossa Casa de Malanje, por causa do cerco da guerra. Estou a ver a fotografia da Aldeia de Moçambique a crescer sob a orientação e trabalho dos nossos rapazes. Estou a ler o que escreveu Padre Manuel António, de

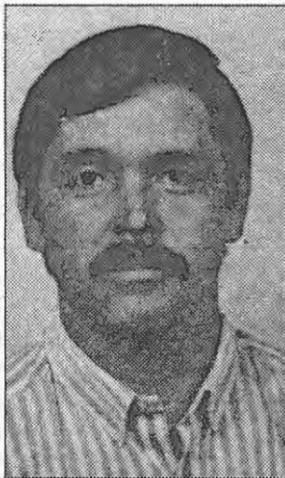
Benguela: «*O princípio sagrado de vivermos do nosso trabalho mantém-se de pé*».

Quando ouço ou leio o que dizem alguns sobre o trabalho infantil fico abismado. Que seria das nossas Casas se não estivessem todos ocupados? Não havia vidros nas janelas, nem fruta nas árvores nem flores nos jardins.

Pai Américo temia quando se juntavam dois feriados: «*Somos uma Casa de lixo*».

Que bons testemunhos tenho recebido de muitos dos nossos rapazes ao longo da vida! Todos são unânimes em afirmar que o hábito de trabalho foi a melhor arma que a Casa lhes deu.

O «Foguetão» na Casa do Pai



Tocou o telefone a dar-nos a triste notícia. O Senhor Deus veio chamar o António Mendes, o «Foguetão», para a Sua

Casa. Deixou a esposa desempregada e cinco filhos menores. Deixou a sua pobre casinha por acabar. A casa era um dos seus sonhos mais queridos. Tinha quarenta e um anos. Uma vida de sacrifício com alegria. Trabalhava todos os dias para que a família tivesse pão. Aos sábados fazia biscatos aos amigos.

Deixou boas recordações. Era bom pedreiro. Ajudou-nos a construir todo o Lar de Coimbra, como servente. Ajudou a construir a casa da praia, como artista. Foram três anos de trabalho duro.

Depois dum dia de trabalho e de uma noite dormida, logo de manhã, sentiu o coração aflito e já não foi capaz de dizer à esposa a sua aflição. Chegou ao hospital já sem vida.

Cumriu-se nele o conselho do Senhor: «*Estai sempre preparados. O Filho do Homem vem à hora que menos esperais*». Tema para meditar.

O funeral foi bem o sinal da presença de muitos amigos.

Ficou-nos a grande lição da vida de família, sobretudo no amor aos filhos — que ficaram em situação muito aflita. Necessitam da nossa ajuda.

Ficou-me bem no coração e na alma o abraço que poucos dias antes me tinha dado, na despedida, no dia do batizado do seu quinto filho.

Que esteja em paz. Rezemos, por ele, ao Senhor.

Padre Horácio

Malanje dia-a-dia

15/9/94

Ofertas, lanches e paliativos... Uma maravilha! Fica tudo contente: as crianças com os bolos, os responsáveis com as imagens e as empresas com os seus anúncios.

Os problemas das crianças, porém, são tão profundos que tentar resolvê-los na superfície é agravá-los.

A criança que perdeu a família, anseia, no fundo, por outra onde seja aceite com amor.

Barracas de lona, lanches e festas dum só dia — não. Se nós temos casa, demos-lhe casa. Se temos família, demos-lhe família. Integrada numa família sã, terá pão, escola e amor. Educar uma multidão amontoada — não se consegue.

Tantas famílias na Europa a desejarem uma criança... Já se fez assim na guerra de lá com bons resultados.

As nossas Casas do Gaiato com habitações de pedra e cal, camas individuais, escolas e oficinas, são para iguais extremos de abandono, mas, todas superlotadas.

Amontoar crianças sem estruturas próprias e funcionais e sem responsáveis que sejam capazes de as amar como filhos, será perigoso para a própria criança.

Colocar a criança em famílias que as desejem, parece-nos a melhor solução de imediato.

Em Malanje, dentro do possível, algumas irmãs estão fazendo a experiência.

20/9/94

Chegou o primeiro contentor de leite doado pelo Programa-Projecto *Africamiga*. Dezasseis toneladas. Chegou num momento de falta de leite. Bem a propósito, graças a Deus!

Será distribuído pelas cozinhas a cargo das Irmãs.

Sob a responsabilidade dos Gaiatos funcionará uma cozinha no Bairro de Cagumbo e um *banco de leite* no Hospital — isolamento e enfermarias.

Pena que o transporte fique tão caro...! Cerca de dois mil e quinhentos contos de Lisboa a Malanje. Isto, porém, nada significa perante o sorriso dum criança depois dum copo do dito bem bebido...

Aqui e neste momento, sim, o dinheiro atingiu a sua verdadeira e bela função.

Que a Secretaria de Cooperação e o Programa-Projecto *Africamiga* não tenham medo e saboreiem com enlevo os milhares de sorrisos de tantas crianças!

Padre Telmo

DOCTRINA



Nós sabemos que passamos da morte para a Vida...

TENHO somente cento e cinquenta e três subscritores, num burgo (Coimbra) de muitos milhares de almas, que me ajudam numa Obra por natureza colectiva: a Casa do Gaiato. Alguns deles foram procurados por mim, outros por pessoas amigas e meia dúzia vieram pelo seu pé. Nunca antes sentira necessidade, simples visitador de Pobres que era, de lançar mão deste processo. Hoje, porém, sem deixar aquela missão, tomei a mais sobre os meus ombros o encargo de manter garotos da rua numa Casa de Repouso; daí a caça ao subscritor.

A confiança não exclui a prudência. Contar com o milagre sem fazer nada por ele, é presunção. A responsabilidade aumenta com a ordem. Vem hoje, pelo teu pé, marcar o nome na lista dos subscritores e serás ditoso. Se tens medo de cair, apoia-te ao braço forte de Deus e verás que te não magoas.

DISSE-ME alguém, de Coimbra, ter sentido uma grande alegria na hora em que à sua porta caíu no chão, com frio, um viandante moço, num dia de muita neve, a quem ele confortou e fez seguir ao seu destino.

TODOS os sábados me vês no chão à tua porta, com o peso das privações dos nossos Irmãos pequeninos e não queres sentir a felicidade total de me levantar, deixando-te ficar de preferência no peitoril da janela a ver panoramas, a discutir números, a notar quanto eu recebo! Insensato! Quem há-de encher a tua medida na hora derradeira, se tu agora somente tratas de ver até que ponto os mais encham a sua?!

MANDA hoje o teu nome pelo correio ou fala-me na rua, onde passo a cada momento. Dize com quanto desejas subscrever que eu vou ou mando buscar à tua porta, duas vezes por ano, o que tu quiseres dar. Há subscritores desde cinco a trezentos escudos por semestre; escolhe. Estas cotas de boa vontade afastam as tuas contas da botica! A gente não entende nem sabe ler o que Deus escreve e como escreve na nossa vida. A lista de subscritores, como está, rende cerca de oitocentos escudos por mês. As despesas da Casa, com a população que tem, orçam por dois mil! Aqui tens a voz dos algarismos. Ajuda-me a procurar o que falta. Ninguém pode controlar os haveres de cada um. No que toca a interesses pessoais, se falta a consciência delicada, toda a lei é extorsão e toda a doutrina é escândalo. Tu não. Que o digam as colunas do jornal.

BATEU-ME, há dias, à porta uma viúva com seis filhos. «*Ontem, disse ela, enganei estas crianças com uma pinga de café e um único ovo que tinha, batido em migas de borra e repartido por todos — a nossa ceia!*» Tomei um à minha conta, que está sendo chamado à vida com doses de pão graduadas, como fazem os Monges de S. Bernardo com gelo aos moribundos do gelo. Não posso abrir as tuas mãos, mas sim posso chorar aqui a sorte dos cinco filhos que regressaram a casa, em risco de serem mais vezes enganados pela mãe; e pode muito bem acontecer que as minhas lágrimas, juntas às da viúva, não te deixem dormir em paz. Quem sabe se na volta do correio não poderei eu ir buscar um dos cinco e trazê-lo para a Casa do Gaiato pela mão de mais um subscritor voluntário?

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

SETÚBAL

Adoptar famílias degradadas

Pungentes histórias

AS pungentes histórias dos pequenos que agora entram para a Casa do Gaiato, no princípio deste ano escolar, são a revelação clara do que é uma família degradada. Os seus rostos espelham a fome passada e os seus corações desprovidos de sentimentos educados, evidenciam o abandono a que foram sujeitos.

Não que sejam carecidos de apetite, nem falhas de encantadora sensibilidade. Não. Crianças aviltadas pelo teu alheamento.

Se as suas famílias tivessem sido assistidas, como quem as adoptasse, nunca teriam chegado ao ponto de tão acentuada queda.

Pelo que ouço comentar e pela ausência de ecos favoráveis, parece-me preparar no deserto.

Até hoje ainda ninguém me veio com esta pergunta: — Padre, na minha roda de amigos combinámos: três, quatro ou cinco famílias adoptar uma degradada. Ainda ninguém teve esta inspiração como vinda do Céu. Mas ela não surge de mais parte nenhuma. Rompe do Seio de Deus. É uma doutrina velha, com muitos séculos de prática, mas dada a sua raridade, parece nova e espanta os que

preferem ficar na própria comodidade.

É uma forma de assistir ao Pobre, realmente dura. Por isso os homens — como escrevia o Padre Américo — têm inventado outras mais fáceis e mais vistosas que normalmente tornam mais dura a sorte dos assistidos e dos assistentes.

Formas de assistir que não enobrecem o Pobre

Por impossibilidade humana também eu tenho caído em formas de assistir que detesto e que não enobrecem o Pobre.

Quem passar, às quintas-feiras, pela frente do nosso Lar, na porta principal, pelas 14 horas, vê uma multidão de homens, mulheres e crianças munidos de sacos de plástico, enrolados na mão ou debaixo da cova do braço, à espera que lhes ponhamos dentro algum alimento.

Ora, eu não concordo com esta forma de assistir ao Pobre. Não concordo. Não promove.

A maior parte são elementos de famílias degradadas. Nós não respondemos, nem sequer às suas necessidades de alimento. Quantas vezes dividimos o que temos pelo número dos que aparecem e não de acordo com as carências de cada família.

Não somos capazes de mais.

Há dias, senti-me consolado quando visitava uma família destas sem saber e, a mãe, sem me conhecer, irrompe exclamando: «*O que me valeu esta semana foram os cinco couratos que trouxe da Casa do Gaiato para fazer a sopinha para eles!*» — os nove filhos. O companheiro é servente de pedreiro e anda a pé mais de cinco quilómetros, para lá e para cá do trabalho. O bebé de dois meses já esteve no Hospital da Estefânia, em Lisboa, e sofre de doença cardíaca devido à fome sofrida no ventre materno. Uma filha de dezassete anos está grávida de um homem casado e pai de filhos. A mãe, contra tudo o que é humano, está com muita pena do homem que engravidou a filha.

A gente põe as mãos na cabeça; não as pode pôr no coração para não rebentar; e pergunta: — Que fazer meu Deus!?

Estas pessoas não têm capacidade nenhuma para viver em família, numa sociedade como a nossa, se não lhes dermos eficazmente a mão. Não é com uma visita semanal. Não é somente com ajuda material. Não é só com amizade e muita comunhão. É com tudo o que o senso, o amor e a dor fizerem nascer dentro de nós.

Um grupo de famílias, sim, que queiram viver modernamente a sua fé.

Não vamos substituir as Conferências

de S. Vicente de Paulo nem os Grupos Sócio-caritativos. Não senhor. Não nos vamos meter com os Pobres deles. Vamos àqueles que não têm ninguém. E... são tantos! O mundo da degradação é cada vez mais vasto.

Se sofresses alguma dor da que eu sinto não ficavas indiferente.

Cartilha do Pai Nosso

Ele é tão fácil começar. Vai visitar uma família destas. Ouve. Vê. Sente. Depois reza e vai comungar com o teu irmão o que se passa contigo. O que te aflige. A seguir os dois voltarão lá e a dor irá aumentando. Coração que vê, é coração que sente. Estes dois, se forem cabeças de casais irão partilhar com outros dois e o grupo surgirá. Quatro famílias para uma família destas não é demais. Terão muito que compartilhar e... que sofrer.

Ai que se lêssemos a cartilha do Pai Nosso... não era preciso mais nada. Mas temos olhos e não vemos, e ouvidos e não ouvimos.

Todas as multidões que se juntam à nossa porta, à entrada das Igrejas, nos santuários de mais nomeada são uma terrível acusação.

Padre Acillo

BENGUELA

Continuação página 1

bem das crianças. De contrário, são projectos que, à partida, estão condenados a morrer. Só um coração puro e uma boa consciência garantem a solidez do edifício, como é a reconstrução dum homem a partir das ruínas. Estas crianças estão em ruínas, na verdade. Fazer um homem ou uma mulher de cada uma delas, só com muito amor. De resto, a proposta daquela espécie de clube de finan-

ciamento pode considerar-se uma forma de ajuda da parte da sociedade civil. Haja quem vá para a linha da frente.

Falámos da colocação familiar como a solução ideal para o tipo de crianças acima descrito. Sabemos, no entanto, que não é possível abrir esta porta a todas elas. A pouco e pouco, o valor humano da solidariedade vai ganhando terreno, recuperando das feridas graves que tem sofrido. As dificul-

dades financeiras das famílias comuns são tão grandes, tão grandes, que não sei mesmo como seria possível acolherem mais crianças e juntá-las aos próprios filhos. Mas há verdadeiros gestos heróicos de mães que se dispõem a ir mais além do sacrifício que já fazem. Mas onde não há a família natural, que haja um lugar de acolhimento onde o espírito de família exista. As crianças são muito sensíveis. Quantas vezes temos

sido procurados para receber filhos com o pai ou a mãe vivos e amigos dos filhos e dizemos que não. A Casa do Gaiato tem condições para prender os que nada têm, mas nunca é capaz de dar aos filhos o que um pai bom e uma mãe boa são capazes de dar.

Guerra absurda!

Estou a escrever estas notas em dia de domingo. Estou farto de ouvir bater à porta do meu lugar de trabalho a perguntar se não há passeio. Quem havia de ser? São eles, que não me largam nem pensam que os nossos leitores têm direito a saber notícias da nossa Casa. Ganharam mais uma vez. Deixei-me vencer pela sua razão. Demos uma volta pela cidade. Passámos em frente dum acampamento de refugiados de guerra, vindos, há dias, do interior muito próximo de Benguela. Pobre gente que anda dum lado para outro, sem poder descansar no que é seu! Duas mil pessoas fugiram da sua aldeia, ao ser atacada, para outra aldeia; e tiveram que voltar a fugir. Mães e filhos quase esqueléticos, de olhar sem esperança de viver! Guerra absurda que a maldade dos homens teima em levar por diante! Parámos um pouco a contemplar aquele espectáculo triste, vergonhoso para seres humanos.

Enquanto dava uma volta

Cartas

«*Confesso que, a maior parte das vezes, O GAIATO é uma leitura 'dura', dolorosa e séria. Sinto-me a fazer o exame de consciência da minha vida, quando leio e vibro com tantos casos de miséria moral e física, e pergunto: — Como respondo a estas necessidades que me estendem a mão?! Infelizmente a resposta, a maior parte das vezes, é fraca!*

Assinante 57276»

«*Aproveito para repetir uma vez mais quão grande é o lugar que ocupais no meu coração de mãe, que vive intensamente o vosso drama da falta de mães.*

(...) *A esperança é de que, Deus que é Pai e tanto vos ama, vá suscitando um minino de vocações necessárias à construção da grande família que é a Casa do Gaiato.*

Assinante 31624»

«*Sou uma jovem estudante da Faculdade de Engenharia do Porto. Tenho grande admiração pelo O GAIATO do qual minha mãe é assinante.*

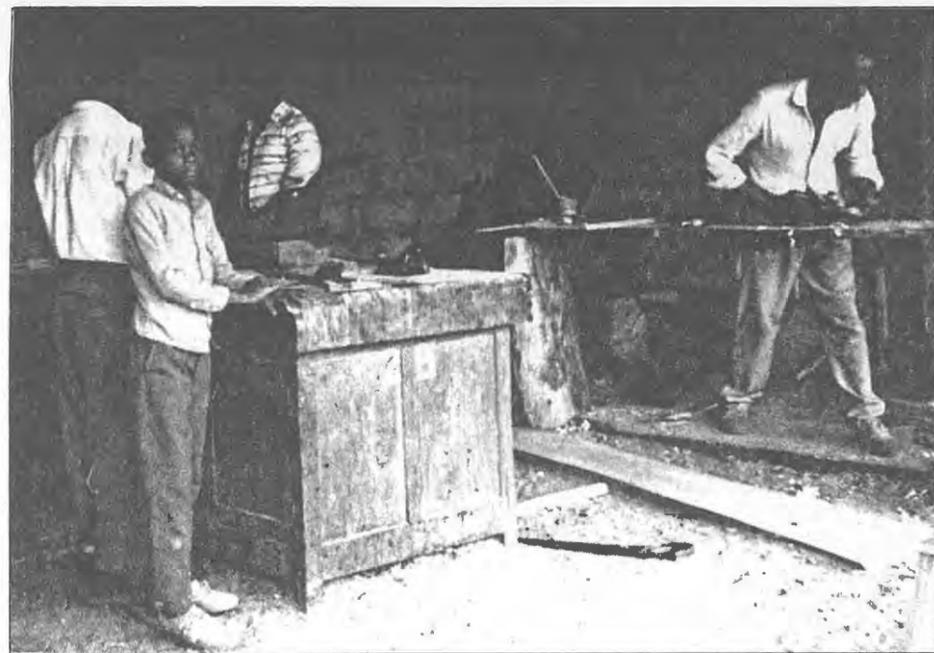
Em momentos de aflição volto-me para Deus, e ao ler o vosso jornal sinto-me pequena e mesquinha. Tantas aflições, tantas carências e eu a torturar-me com coisas sem tanta gravidade.

Teresa»

com o meu olhar e o meu pensamento pelo meio das barracas, ia falando aos meus da sorte daqueles filhos para que nunca se esqueçam donde vieram, para se lembrarem sempre dos que ainda estão na miséria.

Que ninguém repouse a pensar que já fez o que devia.

Padre Manuel António



MOÇAMBIQUE — O maior e melhor investimento: dar trabalho e formação profissional aos moçambicanos.

 **Gaiato**

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752265 - FAX 753799 - Cont. 500766898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239